

Mire os teus objetivos na Lua. Porque, se você errar, ainda vai estar entre as estrelas. Autor Desconhecido

**Aprendizado – Zibia Gasparetto**

Nossas atitudes escrevem nosso destino. Nós somos responsáveis pela vida que temos. Culpar os outros pelo que nos acontece é cultivar ilusão. A aprendizagem é nossa e ninguém poderá fazê-la por nós, assim como nós não poderemos fazer pelos outros. Quanto mais depressa aprendermos isso, menos sofreremos.

**Silêncio – Autor Desconhecido**

Certa vez, um homem tanto falou que seu vizinho era ladrão, que o vizinho acabou sendo preso. Algum tempo depois, descobriram que era inocente. O rapaz foi solto e, após muito sofrimento e humilhação, processou o vizinho. No tribunal, o vizinho disse ao juiz: "Comentários não causam tanto mal..." E o juiz respondeu: "Escreva os comentários que você fez sobre ele num papel. Depois pique o papel e jogue os pedaços pelo caminho de casa. Amanhã, volte para ouvir sentença!" O vizinho obedeceu e voltou no dia seguinte, quando o juiz disse: "Antes da sentença, terá que catar os pedaços de papel que espalhou ontem!" "Não posso fazer isso, meritíssimo!" respondeu o homem. "O vento deve tê-los espalhado por tudo quanto é lugar e já não sei onde estão!" Ao que o juiz respondeu: "Da mesma maneira, um simples comentário que pode destruir a honra de um homem, espalha-se a ponto de não podermos mais consertar o mal causado."

Se seus sonhos estiverem nas nuvens, não se preocupe; eles estão no lugar certo; agora construa os alicerces!

**Aprendizado 2 - Conto Indiano**

O célebre e contraditório personagem Nasrudin visitou a Índia. Chegou a Calcutá e começou a passear por uma de suas movimentadas ruas. De repente viu um homem que estava vendendo o que Nasrudin acreditou que eram doces, ainda que na realidade fossem chiles apimentados. Nasrudin era muito guloso e comprou uma grande quantidade dos supostos doces, dispondo-se a dar-se um grande banquete. Estava muito contente, se sentou em um parque e começou a comer chiles a dentadas. Logo que mordeu o primeiro dos chiles sentiu fogo no paladar. Eram tão apimentados aqueles doces que ficou com a ponta do nariz vermelha e começou a soltar lágrimas até os pés. Não obstante, Nasrudin continuava levando os chiles à boca sem parar. Espirrava, chorava, fazia caretas de mal estar, mas seguia devorando os chiles. Assombrado, um passante se aproximou e disse-lhe: "Amigo, não sabe que os chiles só se comem em pequenas quantidades?" Quase sem poder falar, Nasrudin comentou: "Bom homem, creia-me, eu pensava que estava comprando doces." Mas Nasrudin seguia comendo chiles. O passante disse: "Bom, está bem, mas agora já sabes que não são doces. Por que segues comendo-os?" Entre tosses e soluços, Nasrudin disse: "Já que investi neles meu dinheiro, não vou jogá-los fora." O Grande Mestre disse: Não seja como Nasrudin. Toma o melhor para tua evolução interior e joga fora o desnecessário ou pernicioso, mesmo que tenhas investido muito dinheiro ou tempo neles.

Não há satisfação maior do que aquela que sentimos quando proporcionamos alegria aos outros. **M. Taniguchi**

Mire os teus objetivos na Lua. Porque, se você errar, ainda vai estar entre as estrelas. Autor Desconhecido

**Aprendizado – Zibia Gasparetto**

Nossas atitudes escrevem nosso destino. Nós somos responsáveis pela vida que temos. Culpar os outros pelo que nos acontece é cultivar ilusão. A aprendizagem é nossa e ninguém poderá fazê-la por nós, assim como nós não poderemos fazer pelos outros. Quanto mais depressa aprendermos isso, menos sofreremos.

**Silêncio – Autor Desconhecido**

Certa vez, um homem tanto falou que seu vizinho era ladrão, que o vizinho acabou sendo preso. Algum tempo depois, descobriram que era inocente. O rapaz foi solto e, após muito sofrimento e humilhação, processou o vizinho. No tribunal, o vizinho disse ao juiz: "Comentários não causam tanto mal..." E o juiz respondeu: "Escreva os comentários que você fez sobre ele num papel. Depois pique o papel e jogue os pedaços pelo caminho de casa. Amanhã, volte para ouvir sentença!" O vizinho obedeceu e voltou no dia seguinte, quando o juiz disse: "Antes da sentença, terá que catar os pedaços de papel que espalhou ontem!" "Não posso fazer isso, meritíssimo!" respondeu o homem. "O vento deve tê-los espalhado por tudo quanto é lugar e já não sei onde estão!" Ao que o juiz respondeu: "Da mesma maneira, um simples comentário que pode destruir a honra de um homem, espalha-se a ponto de não podermos mais consertar o mal causado."

Se seus sonhos estiverem nas nuvens, não se preocupe; eles estão no lugar certo; agora construa os alicerces!

**Aprendizado 2 - Conto Indiano**

O célebre e contraditório personagem Nasrudin visitou a Índia. Chegou a Calcutá e começou a passear por uma de suas movimentadas ruas. De repente viu um homem que estava vendendo o que Nasrudin acreditou que eram doces, ainda que na realidade fossem chiles apimentados. Nasrudin era muito guloso e comprou uma grande quantidade dos supostos doces, dispondo-se a dar-se um grande banquete. Estava muito contente, se sentou em um parque e começou a comer chiles a dentadas. Logo que mordeu o primeiro dos chiles sentiu fogo no paladar. Eram tão apimentados aqueles doces que ficou com a ponta do nariz vermelha e começou a soltar lágrimas até os pés. Não obstante, Nasrudin continuava levando os chiles à boca sem parar. Espirrava, chorava, fazia caretas de mal estar, mas seguia devorando os chiles. Assombrado, um passante se aproximou e disse-lhe: "Amigo, não sabe que os chiles só se comem em pequenas quantidades?" Quase sem poder falar, Nasrudin comentou: "Bom homem, creia-me, eu pensava que estava comprando doces." Mas Nasrudin seguia comendo chiles. O passante disse: "Bom, está bem, mas agora já sabes que não são doces. Por que segues comendo-os?" Entre tosses e soluços, Nasrudin disse: "Já que investi neles meu dinheiro, não vou jogá-los fora." O Grande Mestre disse: Não seja como Nasrudin. Toma o melhor para tua evolução interior e joga fora o desnecessário ou pernicioso, mesmo que tenhas investido muito dinheiro ou tempo neles.

Não há satisfação maior do que aquela que sentimos quando proporcionamos alegria aos outros. **M. Taniguchi**

**Doentes - Emmanuel**

Aqui e ali encontramos inúmeros doentes que se candidatam ao auxílio da medicina, mas em toda parte, igualmente, existem aqueles outros, portadores de moléstias da alma, para os quais há que se fazer o socorro do espírito. E nem sempre semelhantes necessitados são os viciados e os malfeitores, que se definem de imediato por enfermos de ordem moral, quando aparecem. Vemos outros muitos para os quais é preciso descobrir o remédio justo e, às vezes, difícil, de vez que se intoxicaram no próprio excesso das atitudes respeitáveis em que desfiguraram os sentimentos, tais como sejam: os extremistas da correção, tão apaixonados pelos processos punitivos que se perturbam na dureza de coração pela ausência de misericórdia; os extremistas da gentileza, tão interessados em agradar que descambam, um dia, para as deficiências da invigilância; os extremistas da superioridade, tão agarrados à ideia de altura pessoal que adquirem a cegueira do orgulho; os extremistas da independência, tão ciosos da própria emancipação que fogem ao dever, caindo nos desequilíbrios da liberdade sem limites; os extremistas da poupança, tão receosos de perder alguns centavos que acabam transformando o dinheiro, instrumento do bem e do progresso, na paralisia da avareza em que se lhes arrasa a alegria de viver. Há doentes do corpo e doentes da alma. É forçoso não esquecer isso, porque todos eles são credores de entendimento e bondade, amparo e restauração. Diante de quem quer que seja, em posição menos digna perante as leis de harmonia que governam a Vida e o Universo, recordemos as palavras do Cristo: "Não são os que gozam saúde que precisam de médico."

Projeto Pense Bem - Voluntariado AVESOL – [WWW.SERVOLUNTARIO.COM.BR](http://WWW.SERVOLUNTARIO.COM.BR)

**Viajar – Padre Fábio de Melo**

Olho ao meu redor e descubro que as coisas que quero levar não podem ser levadas. Já imaginou chegar ao aeroporto carregando o colchão para ser despachado? As perguntas são muitas... Desisto. Jogo o que posso no espaço delimitado para minha partida e vou. Vez em quando me recordo de alguma coisa esquecida, ou então, inevitavelmente concluo que mais da metade do que levei não me serviu para nada. É nessa hora que descubro que partir é experiência inevitável de sofrer ausências. E nisso mora o encanto da viagem. Viajar é descobrir o mundo que não temos. É o tempo de sofrer a ausência que nos ajuda a mensurar o valor do mundo que nos pertence. E então descobrimos o motivo que levou o poeta cantar: "Bom é partir. Bom mesmo é poder voltar!" Ele tinha razão. A partida nos abre os olhos para o que deixamos. A distância nos permite mensurar os espaços deixados. Por isso, partidas e chegadas são instrumentos que nos indicam quem somos, o que amamos e o que é essencial para que a gente continue sendo. Ao ver o mundo que não é meu, eu me reencontro com desejo de amar ainda mais o meu território. É consequência natural que faz o coração querer voltar ao ponto inicial, ao lugar onde tudo começou. É como se a voz identificasse a raiz do grito, o elemento primeiro. Vida e viagens seguem as mesmas regras. Os excessos nos pesam e nos retiram a vontade de viver. Por isso é tão necessário partir. Sair na direção das realidades que nos ausentam. Lugares e pessoas que não pertencem ao contexto de nossas lamúrias... Hospitais, asilos, internatos... Ver o sofrimento de perto, tocar na ferida que não dói na nossa carne, mas que de alguma maneira pode nos humanizar. Andar na direção do outro é também fazer uma viagem. Mas não leve muita coisa. Não tenha medo das ausências que sentirá. Ao adentrar o território alheio, quem sabe assim os seus olhos se abram para enxergar de um jeito novo o território que é seu. Não leve os seus pesos. Eles não lhe permitirão encontrar o outro. Viaje leve, leve, bem leve. Mas se leve.

**Doentes - Emmanuel**

Aqui e ali encontramos inúmeros doentes que se candidatam ao auxílio da medicina, mas em toda parte, igualmente, existem aqueles outros, portadores de moléstias da alma, para os quais há que se fazer o socorro do espírito. E nem sempre semelhantes necessitados são os viciados e os malfeitores, que se definem de imediato por enfermos de ordem moral, quando aparecem. Vemos outros muitos para os quais é preciso descobrir o remédio justo e, às vezes, difícil, de vez que se intoxicaram no próprio excesso das atitudes respeitáveis em que desfiguraram os sentimentos, tais como sejam: os extremistas da correção, tão apaixonados pelos processos punitivos que se perturbam na dureza de coração pela ausência de misericórdia; os extremistas da gentileza, tão interessados em agradar que descambam, um dia, para as deficiências da invigilância; os extremistas da superioridade, tão agarrados à ideia de altura pessoal que adquirem a cegueira do orgulho; os extremistas da independência, tão ciosos da própria emancipação que fogem ao dever, caindo nos desequilíbrios da liberdade sem limites; os extremistas da poupança, tão receosos de perder alguns centavos que acabam transformando o dinheiro, instrumento do bem e do progresso, na paralisia da avareza em que se lhes arrasa a alegria de viver. Há doentes do corpo e doentes da alma. É forçoso não esquecer isso, porque todos eles são credores de entendimento e bondade, amparo e restauração. Diante de quem quer que seja, em posição menos digna perante as leis de harmonia que governam a Vida e o Universo, recordemos as palavras do Cristo: "Não são os que gozam saúde que precisam de médico."

Projeto Pense Bem - Voluntariado AVESOL – [WWW.SERVOLUNTARIO.COM.BR](http://WWW.SERVOLUNTARIO.COM.BR)

**Viajar – Padre Fábio de Melo**

Olho ao meu redor e descubro que as coisas que quero levar não podem ser levadas. Já imaginou chegar ao aeroporto carregando o colchão para ser despachado? As perguntas são muitas... Desisto. Jogo o que posso no espaço delimitado para minha partida e vou. Vez em quando me recordo de alguma coisa esquecida, ou então, inevitavelmente concluo que mais da metade do que levei não me serviu para nada. É nessa hora que descubro que partir é experiência inevitável de sofrer ausências. E nisso mora o encanto da viagem. Viajar é descobrir o mundo que não temos. É o tempo de sofrer a ausência que nos ajuda a mensurar o valor do mundo que nos pertence. E então descobrimos o motivo que levou o poeta cantar: "Bom é partir. Bom mesmo é poder voltar!" Ele tinha razão. A partida nos abre os olhos para o que deixamos. A distância nos permite mensurar os espaços deixados. Por isso, partidas e chegadas são instrumentos que nos indicam quem somos, o que amamos e o que é essencial para que a gente continue sendo. Ao ver o mundo que não é meu, eu me reencontro com desejo de amar ainda mais o meu território. É consequência natural que faz o coração querer voltar ao ponto inicial, ao lugar onde tudo começou. É como se a voz identificasse a raiz do grito, o elemento primeiro. Vida e viagens seguem as mesmas regras. Os excessos nos pesam e nos retiram a vontade de viver. Por isso é tão necessário partir. Sair na direção das realidades que nos ausentam. Lugares e pessoas que não pertencem ao contexto de nossas lamúrias... Hospitais, asilos, internatos... Ver o sofrimento de perto, tocar na ferida que não dói na nossa carne, mas que de alguma maneira pode nos humanizar. Andar na direção do outro é também fazer uma viagem. Mas não leve muita coisa. Não tenha medo das ausências que sentirá. Ao adentrar o território alheio, quem sabe assim os seus olhos se abram para enxergar de um jeito novo o território que é seu. Não leve os seus pesos. Eles não lhe permitirão encontrar o outro. Viaje leve, leve, bem leve. Mas se leve.